CMPL.1.3.273

Nascimento e progresso da Vila Industrial

3 *A Estação da FEPASA na vida de Campinas*

Série de 3 reportagens de
BENEDITO BARBOSA PUPO

Quem examina as duas plantas de Campinas, a primeira de 1878 e a segunda do último ano do Século XIX, 1900, verifica logo que o hoje populoso e próspero bairro, 3.o Subdistrito de Campinas e Paróquia de São José, a Vila Indústrial, na primeira daquelas datas ainda não existia ou pelo menos não constava da planta então elaborada. Constata ainda que a Vila Industrial, desmentindo a crença de que o progresso marcha de leste para oeste, cresceu de oeste para leste pois a primeira área do bairro urbanizada foi a que está a Oeste da hoje avenida João Jorge, antigamente "Caminho de Itu".

A GEOGRAFIA URBANA DA VILA

Bairro de vida intensa e de grande progresso, principalmente nestes últimos anos, a Vila Industrial bem merece um estudo, ou mesmo uma monografia. Há alguns anos atrás quando era prefeito Orestes Quércia e secretário de Educação e Cultura, José Alexandre dos Santos Ribeiro, o chefe do Departamento de Cultura, Licurgo de Castro Santos Filho, tentou realizar um concurso para estudos dos bairros de Campinas, idéia que não se concretizou. Nascido e criado na Vila Industrial, escrevi há anos, no "CORREIO POPULAR", a crônica "A Geografia de meu Bairro", da qual transcrevo aqui alguns tópicos:

"A Avenida João Jorge ia da Porteira do Capivara até a venda do "seu" Bernardo, situada no local em que se acha hoje a Agro Cam, proximidades do Quartel do 8.o BP. Dali, ela prosseguia na forma de estrada, que se bifurcava, indo um ramo, o da direita, para o Piçarrão e o outro, o principal, para Itu. O local onde agora se implantou o Parque Itália e o Hotel "Vila Rica" era conhecido como o "Pasto da Viúva". Essa designação provinha do fato de o terreno pertencer à viúva Mota, D. Ernestina. À esquerda da estrada, havia o campo de futebol do Ipiranga, bem junto ao Hospital de Variolosos, que ficava dentro de um quadrilátero cercado por bambus, de grosso calibre, formando uma cerca impenetrável. A Vila de São Vicente de Paulo era constituida do grupo de casinhas, numa das quais para o lado da rua Maria Soares funcionava a capela, que também era utilizada para as aulas de D. Henriqueta de Carvalho, minha primeira professora. Só alguns anos mais tarde, as portas dessas casinhas, que davam para as ruas, foram transformadas em janelas, e o cerco do terreno em cujo centro se construiu a atual capela e a casa das irmãs de caridade, foi completado, para que o acesso às habitações fosse feito unicamente pelo portão da rua Sales de Oliveira.

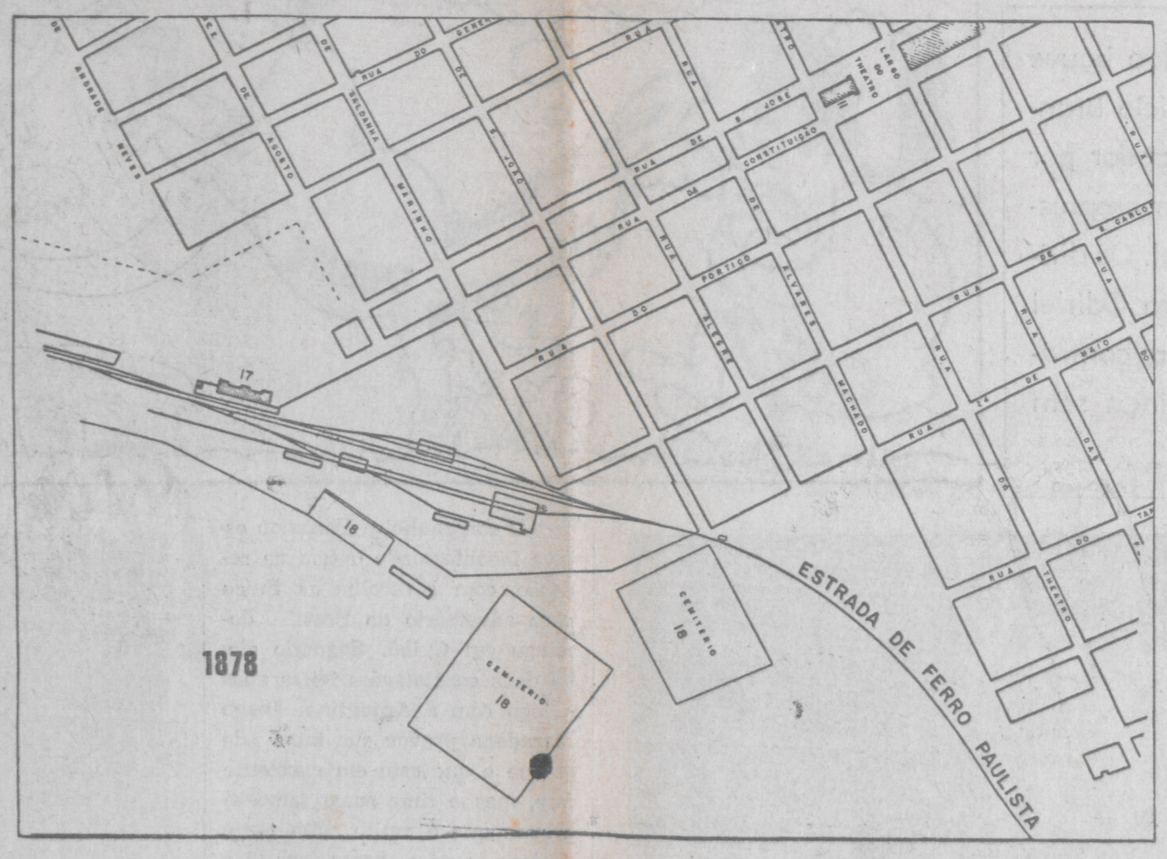
A rua Francisco Teodoro prolongava-se ainda além da rua Antonio Manuel, tendo casas só de um lado. Deste ponto em diante, entretanto, não havia mais casas. Do lado esquerdo de quem ia da Avenida para o pátio das Oficinas da Mogiana, onde terminava, encontrava-se a Fundição dessa ferrovia e do outro o pátio ferroviário da estação de Campinas. Depois de transposta a Fundição, a rua Francisco Teodoro tinha trilhos, de um lado e do outro. Posteriormente, ela própria foi transformada, com a construção do túnel, em leito ferroviário para manobras. Naquele tempo, não havia ainda o muro, mas sim uma cerca de arame, o que permitia uma visão ampla do pátio da estrada de ferro. Dessa cerca, à distância, assisti a parte dos funerais de Francisco Glicério.

A Sales de Oliveira, desde a Avenida João Jorge até a rua Pereira Lima, tinha trilhos da Tração, por onde circulavam dois bondes, um em cada sentido, de vinte em vinte minutos cada um. Isso depois de um período em que o bonde chegava apenas até próximo ao Jardim Correia de Lemos e retornava para a cidade. Nela se localizava o «Depósito» como era conhecido, mas que não era propriamente um depósito, mas apenas o ponto de estacionamento do «bondinho», tracionado por muares na vinda do Matadouro, mas, que descia por gravidade, vazio. O «bondinho» chegava à tarde trazendo o resultado da matança do dia que, imediatamente, era passado para o carroção fechado, puxado a burros, também, distribuidor da carne aos açouques. Nesses caminhões, lia-se isto: «Carne Verde», o que me deixava encabulado, porque eu não podia atinar a razão de a carne, sendo vermelha, pudesse ser chamada de «verde»...

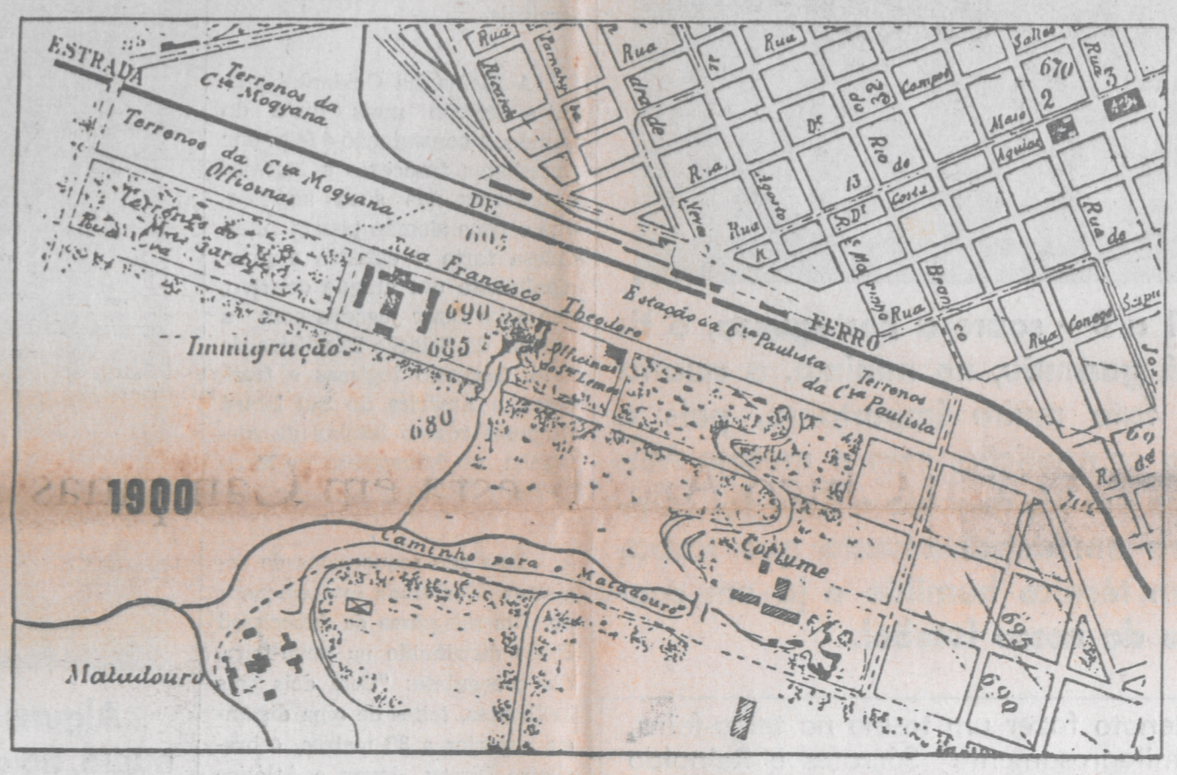
Em frente ao Jardim havia a entrada para o Curtume Campineiro e logo adiante a casa da família Rafael Pisani, que tinha ao lado uma extensa faixa de terreno ocupada por um grande parreiral (grande dentro da conceituação urbana). Logo a seguir, após o prolongamento da rua Prudente de Morais, que era a estrada para o Matadouro e para o Hospital de Morféticos, ficava a chácara Patton. Cerca de cem metros além, terminava a nossa «Vila», pois depois da rua Antônio Manuel, a «nação» era outra, a dos «Bucheiros», propriamente dita, porque o termo era aplicado a nós por extensão... À esquerda, descendo-se uma ladeira ia-se ter ao local onde um cidadão de sobrenome Díscola manipulava visceras, rabadas, mocotós, línguas, etc..., para fornecimento à população, fazendo a distribuição desses artigos em carrinhos, puxados por um muar, cuja presença na rua era anunciada por um toque prolongado de buzina, feita de chifre, daquelas que os vaqueiros chamam de «berrante».

Do Jardim Correia de Lemos, já mencionei alguma coisa. Esqueci-me, porém, de referir-me ao grande tanque circular que havia no seu centro, no qual a molecada tomava banho, quando o «Manelis» lá não estava. O «Manelis» era o português que tomava conta do jardim, era o jardineiro. Não sei se o seu nome verdadeiro era «Manelis», porque naquele tempo, para a turma da rua, todo português que usasse tamancos, jaleco de veludo e falasse «à moda do Reino», tinha que se chamar «Manelis»...

Em 1919, algumas escavações foram feitas pela emprêsa de Águas e Esgotos, para colocação de encanamentos. Vi retirarem da terra na rua São Carlos, ossadas humanas. Alí, antes da abertura do cemitério do «Fundão» (atual da Saudade) servira para sepultamento, também. Quando passo pela Praça Correia de Lemos, lembro-me dos companheiros com que me reunia nela. Do pessoal, que nela morava. Uma cousa não posso compreender: Por que a praça não ocupa a quadra toda, indo até a Francisco Teodoro?.



Em 1878, a parte ao sul da linha férrea da Paulista ainda não estava urbanizada, como se vê na planta. Havia ao lado do pátio, os cemitérios. Para se chegar a estes, transpunha-se a via férrea que se atingia tanto pela rua São João (Visconde do Rio Branco, hoje) como pela 24 de Maio (atualmente Cônego Scipião). Nesse local, existiu uma porteira — a do Capivara —, depois substituida por um viaduto, que por sua vez deu lugar ao atual Miguel Vicente Cury. Em 1878, a área urbana de Campinas era de 2.050 mil metros quadrados, apenas um terço da que teria em 1900.



Em 22 anos, a área de Campinas deu um grande salto, triplicando. De 1878 a 1900, o incremento foi notável, registrando um acréscimo de 4.610 mil metros quadrados, o que representa o dobro da área anterior. Em 1900, a cidade de Campinas já ocupava uma área de 6.660 mil metros quadrados. Note-se que na planta de 1900, a rua Francisco Teodoro atingia a rua Pereira Lima. Note-se também que entre as duas extensas vias ainda havia propriedades particulares, como o terreno da Mc Hardy e a indústria de Antonio Correa de Lemos. Estão assinalados também os prédios, que constituiam o conjunto da «Imigração».

TAMBÉM NO SETOR SUL É NECESSÁRIO PRESERVAR

No "Memorial" se recomenda, de um modo geral, "a adoção de medidas em conjunto com a administração local, no sentido de preservar o conjunto arquitetônico formado pelas residências de funcionários e outras edificações remanescentes do início do século, existentes junto ao pátio ferroviário, no setor sul". Outra recomendação diz respeito a algumas providências a serem tomadas: "Em particular, recomenda-se proceder a um estudo de conjunto para as habitações de funcionários visando a melhor conservação, pleno aproveitamento social e melhor aproveitamento econômico das unidades e de todo o conjunto".

Para se ter uma idéia das construções da Vila Industrial, que depois do trabalho da PLANART ganhou um arranha-céu, em construção na praça Correia de Lemos, temos esta descrição extraida do "Memorial": "São casas antigas, geminadas, e encontram-se em estado um tanto precário de conservação. Junto ao portão sul do pátio, na direção da estação, existe uma vila com quinze residências, formando um só conjunto. Nesta vila, as casas ainda conservam as características originais e trazem o número do patrimônio pintado na fachada. Há uma outra vila habitacional com casas antigas defronte às oficinas e embora não se possa assegurar seja de residência de funcionários, forma um conjunto de interesse histórico e arquitetônico, merecendo ser preservada".

A evolução urbana do novo bairro

Trecho da rua Antonio Manuel, com parte da fachada do prédio construido pelo sr. Antonio Correa de Lemos para a sua indústria em 1900 e a entrada e saída do túnel sob o pátio ferroviário da FEPASA.

A Vila Industrial sofreu a influência da ferrovia, tendo surgido mesmo em função desta, pois com a localização das oficinas de reparos e adaptação de material das duas empresas — Paulista e Mogiana — nos pontos escolhidos, a Oeste, processou-se a urbanização da parte sul do pátio feroviário. Tanto o operariado das oficinas, como o pessoal da conservação, de manobras e dos armazéns de baldeação (como se sabe, pela diferença de bitola, este transbordo de mercadorias é indispensável) procurou instalar-se nas imediações, preferindo os terrenos do sul pouco valorizados.

A ocupação deses terrenos não tardou a efetivar-se, surgindo o bairro da Vila Industrial, que conserva a sua função primitiva. Segundo o relatório dos pesquisadores, as primeiras indústrias trataram de ocupar as terras próximas à via férrea por facilidade do transporte das mercadorias. Em publicações antigas de Campinas, como almanaques, encontram-se referências à indústria de Antonio Correa de Lemos, situada à Rua Antonio Manuel, esquina de Francisco Teodoro. Posteriormente, a Mogiana adquiriu esse prédio para sua fundição e nos dias de hoje, ali está instalada a oficina de manutenção de equipamento auxiliar, da FEPASA.

Até a construção, em 1919 do túnel que liga a Rua Antonio Manuel à Rua Lidgerwood, a Rua Francisco Teodoro prolongava-se até às oficinas da Mogiana, mas foi cortada, com a construção dessa passagem subterrânea sob o pátio da ferrovia.

E' opinião dos pesquisadores da PLANART, que a fisionomia da área envoltória da estação não tenha sofrido alteração em suas características de urbanização, apresentando até hoje as mesmas características do século passado e início deste.

A partir do final da década de 1941/50, com a construção da Via Anhanguera "a ocupação se intensificou no sentido Norte-Sul, principalmente junto aos acessos que ligaram o centro da cidade à estrada de rodagem, trazendo novo impulso à transformação da antiga paisagem". Realmente, grandes e novas avenidas foram abertas, houve substituição de casas antigas por prédios modernos e mais altos, assim como se instalaram no bairro novas indústrias.

Hoje as vias de acesso à Anhanguera — a Av. João Jorge e seu prolongamento — não são mais a velha estrada de Itu, apenas. Mas amplas e modernas avenidas. E' por esse caminho que se vai ao Aeroporto de Viracopos.

Aspecto de parte da Vila Industrial focalizado do alto de um arranha-céu em construção na praça Corrêa de Lemos, vendo-se a extensa rua Doutor Sales de Oliveira

sófutebol (e de bastidores)

Odirlei continua na Ponte Preta. Não houve acordo para sua transferência, pois Felício Brandi, presidente do Cruzeiro, queria o jogador por empréstimo e admitia ceder também por empréstimo Roberto César, Osires e Tião Marçal. Os dirigentes da Ponte não aceitaram e agora Odirlei tem ainda a promessa de realizar um bom contrato. Em compensação, a alvinegra continua sem centroavante.

A CBF agora está com a razão. Acontece que dirigentes da Confederação Brasileira de Futebol vão entrar em contato com os presidentes dos Sindicatos dos Atletas Profissionais com a finalidade de conscientizar os jogadores de que durante as férias, muitos empresários estão mordendo uma nota violenta em jogos taxados de beneficentes. Para provar tudo isso, logo será divulgado o nome de um empresário que faturou mais de 200 mil cruzeiros num jogo desse tipo.

Com a vitória de ontem – 1 a 0 – sobre a Portuguesa, o time de júniors da Ponte Preta já garantiu, no mínimo, a quarta posição na Taça São Paulo. Um fato muito importante, pois a Ponte poderá chegar à final da competição, com o mesmo Milton dos Santos que era seu técnico em 76, quando o time foi campeão. Isso vale como prêmio para um departamento que trabalha com seriedade e que tem um técnico humilde e já em condições de dirigir qualquer equipe do nosso futebol.

Como estará a cara do prepotente técnico da equipe de júniors da Portuguesa de Desportos ? Ele andou dizendo durante toda a semana não aceitar jogar com o Internacional no domingo pela manhã, antes mesmo de vencer a Ponte Preta. Falou demais e ontem açabou perdendo e a alvinegra está classificada para a próxima fase. Quem fala muito, sabe pouco. Desta vez o ditado valeu.

Foi só Renato fazer um treino na terça-feira, para que "milagrosamente" Sócrates e Reinaldo melhorassem de suas condições físicas e já se apresentassem "curados" ao técnico Telê Santana. Na verdade, houve muita fantasia em torno das "contusões" daqueles jogadores – caso de Reinaldo, com estiramento – e bastou o eventual reserva, Renato, aparecer com destaque, para que tudo melhorasse na Toca da Raposa. Questão de sobrevivência.

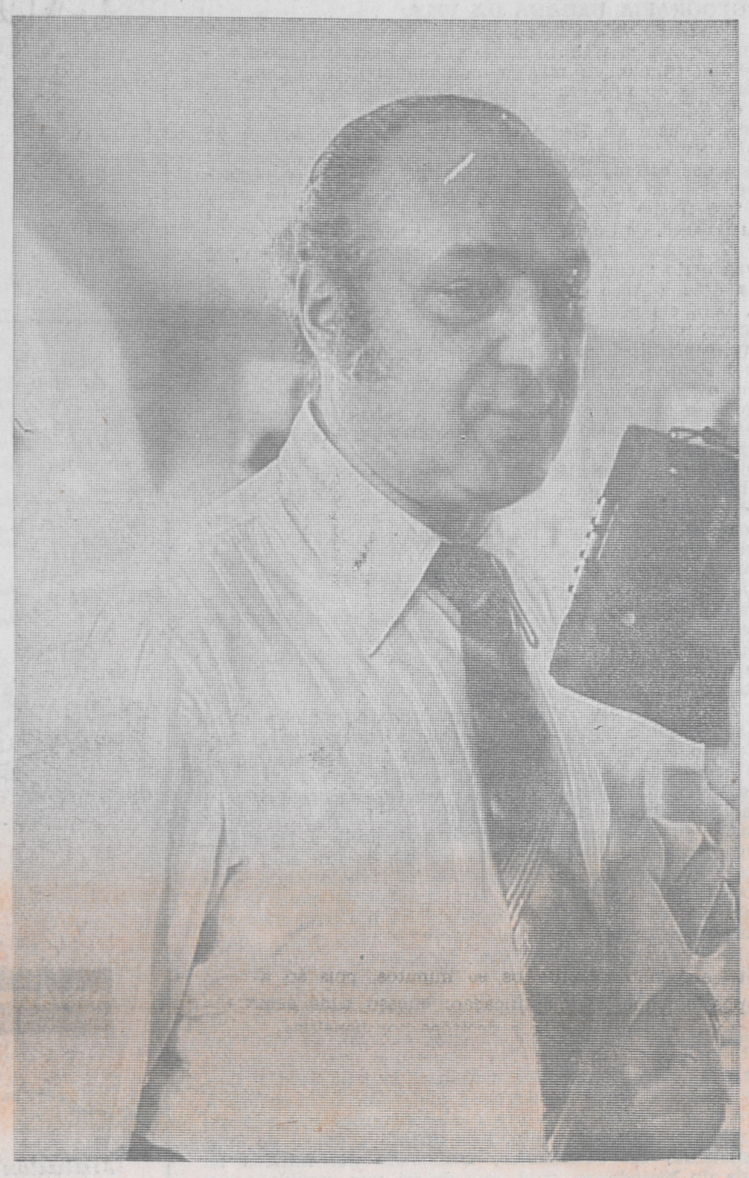
Ainda na festa da Torcida Jovem da Ponte Preta, semana passada, no Estádio Moisés Lucarelli. A torcedora Conceição passou boa parte do tempo atormentando o centroavante Careca. De repente, Careca descobriu uma fórmula de deixar Conceição irritada e passou a imitar narrador esportivo. E na sua jogada, Careca "narrava" o cruzamento de Lúcio e a cabeçada dele, para dentro do gol de Carlos. Conceição ficou irritada e se afastou. Voltou e abraçou Careca. Coisas de uma rivalidade que hoje é muito mais sadia. Tudo entre amigos.

Telê Santana garante que vai manter, para o jogo de estréia no Mundialito, o mesmo time que começará jogando domingo em Cuiabá contra a Suíça, somente fazendo alguma mudança se algum titular se contundir. Isso faz aumentar ainda mais a importância do amistoso de domingo. Dos titulares, Zico e Reinaldo são os jogadores mais ameaçados de ficar de fora no Uruguai. A única dúvida (?) do técnico continua sendo entre Carlos e João Leite.

O companheiro Zarpelon estava inconformado ontem na redação, com a escolha da Suíça para adversário do Brasil, domingo em Cuibá. Segundo ele, há duas constatações feitas após o jogo com a Argentina: Diego Maradona provou sua fama de craque e que está em excelente fase, mas o time suíço também provou que é muito ruim tanto no jogo contra argentinos (5 a 0), como na partida de ontem, quando tomou mais quatro do Uruguai. Parece que domingo vamos ter um daqueles jogos terríveis.

A Alemanha Ocidental possui a Seleção mais forte do mundo. A constatação é feita por jornalistas franceses e ingleses e mostram, nas suas análises, que o time alemão possui uma defesa forte e clássica e principalmente um ataque criativo, que sabe fazer jogadas com a malícia da Seleção Brasileira de 1970. Segundo ingleses e franceses, a América do Sul ficará surpresa com o futebol da Alemanha, no Mundialito de Montevidéu. Esperemos.

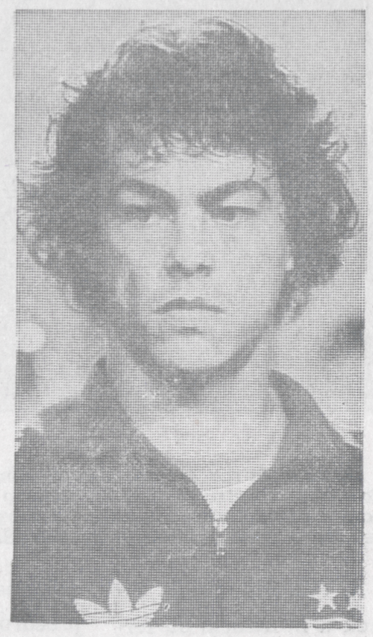
Essa nos esquecemos de registrar. Mas ainda está em tempo. Um telegrama da Associated Press distribuido na terça-feira, diz o seguinte: "Com dois gols brilhantes, feitos de uma distância superior a 30 metros, o brasileiro Dirceu levou o Atlético de Madri a uma vitória de 3 a 1 sobre o Valência, mantendo a liderança do Campeonato Espanhol". Ainda segundo a agência, pasmem, Dirceu é peça básica no time do Atlético e um dos grandes craques estrangeiros que jogam na Espanha atualmente. E' mole ?



Alguns dirigentes de clube comentando muito, no dia de ontem, a vivacidade do presidente do Cruzeiro, Felício Brandi. Segundo alguns, o homem é mesmo uma raposa dentro do futebol brasileiro, porque num cochilo ele deita e rola em cima de diretores de outros clubes durante as negociações. Teve gente que até lembrou: quem dormir com Brandi, certamente vende um elefante por formiga.

O técnico Cláudio Garcia foi quem recebeu o presidente Felício Brandi, na sua estada em Campinas. Pelo visto, o ex-técnico bugrino está mesmo acertando o seu ingresso no Cruzeiro de Belo Horizonte. Ele esteve acompanhando o dirigente mineiro nas suas visita à Ponte Preta e Guarani. Garcia só perde muito ponto porque está sempre junto de um misto de empresário e supervisor, mas que na verdade é um grande vigarista. Te cuida, Garcia !

Depois das declarações dadas no Peru, quando esteve visitando aquele país, que sonhava em ser técnico de futebol, Pelé recebeu uma proposta do Flamengo, que surpreendeu até mesmo o Rei. Pelé revelou o convite do Flamengo ontem, quando dava autografos em lojas na cidade de Rio Preto. Pelé, apesar de ter considerado boa a proposta do clube carioca, afirmou não poder aceitá-la, por ter contrato exclusivo com a Warner Bross por mais três anos.



Essa vem do Rio de Janeiro. Edinho está deixando o Fluminense, que irá vendê-lo por 30 milhões de cruzeiros. Na lista de prováveis compradores, São Paulo, Grêmio e Inter de Porto Alegre. A alegação é de que Edinho foi formado nas Laranjeiras e chegou a hora de sair, antes que se transforme em dono-do-time. Já no Botafogo do Rio, o leilão continua, mas ninguém quer nada com o clube, que de bom só tem Mendonça. Até o presidente Charles Borer pode ser rifado. Pela torcida, é lógico.